

amor em quarto crescente

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

Agradecimentos

Às minhas leitoras, que comigo realizaram inúmeras viagens e que têm implorado por um livro de Fang durante os últimos cinco anos. Nunca me tinha sentido tão próxima dos irmãos Kattalakis como aqui. Fui finalmente capaz de falar por Fang e mostrar toda a profundidade da sua personalidade, toda a beleza de um dos meus lobos preferidos.

À minha equipa de St. Martin, que é a melhor do mundo, em especial à Monique e ao Matthew por me terem permitido contornar algumas regras e divertir-me imenso. À Merrilee por todo o trabalho árduo que faz. Holly que trabalha tão maravilhosamente nos bastidores, cuidando dos pormenores.

Aos meus amigos que estão sempre presentes quando preciso deles: Kim, Dianna, Loretta, Shery e Ed. Obrigada, malta, a sério, por manterem a minha sanidade. E aos melhores colaboradores do universo, a Equipa Fabulosa: Dianna, Erin, Kim, Jacs, Ed, Judy, Marie, Loretta, Shery, Scott, Bryan, Julia, CiCi, Webbie, Alex, e se me esqueci de alguém, por favor, por favor, perdoem-me.

E finalmente, mas sem dúvida alguma não com menor intensidade, à minha família. Ao Kenn por ser a minha âncora e o meu apoio durante todas as tempestades e por sempre ser o meu melhor amigo. Ao meu

irmão por ter sido o melhor irmão que uma irmã poderia ter. E aos meus rapazes, que enchem a minha vida de gargalhadas e os meus dias de alegria. Não teria sido capaz sem vocês. Obrigada.

O início dos caçadores de homens

MUITO antes de haver registos históricos, vivia um rei corajoso. Um rei que se recusara a vergar perante as vontades dos deuses gregos que o comandavam. Como tantos antes dele e depois dele, cometeu o erro de se apaixonar pela mulher mais bela do reino. Uma mulher cujo sorriso era o sangue que o mantinha vivo.

Longe estava ele de saber que ela transportava em si a mais sombria de todas as maldições. Devido às ações dos seus antepassados contra o deus grego Apolo, mais de dois mil anos antes do seu nascimento, o seu povo fora condenado a uma morte brutal no seu vigésimo sétimo aniversário. Foi um segredo que ela manteve até ao dia em que, como todos os outros membros dos *apollites*, começou a decair e morrer. Em apenas vinte e quatro horas transformou-se de uma jovem bela numa velha, depois nada restou senão pó.

Licáon ficou devastado pela perda do seu amor, mas pior do que isso era a certeza aterradora de que em breve os seus próprios filhos se juntariam à mãe e morreriam de forma igualmente pavorosa.

Como ela, morreriam por algo que nenhum deles tinha feito.

Incapaz de suportar a injustiça, confrontou os deuses e disse-lhes que se fossem lixar. Não ficaria a assistir enquanto os seus filhos morriam. Nunca.

Nessa mesma noite, começou a usar a mais negra das magias para

fundir os genes do povo da sua esposa com os genes dos animais mais fortes. Lobos, chacais, leões, tigres, panteras, jaguares, chitas, ursos, falcões, leopardos, até um raro dragão — foram esses os selecionados para salvarem os seus filhos.

Quando as suas experiências terminaram, tinha criado uma espécie completamente nova. Já não humana, já não *apollite* nem animal, era algo completamente diferente.

As experiências tinham transformado os seus dois filhos em quatro seres diferentes. Duas criaturas com coração de animal e que viviam como animais durante o dia e duas com corações humanos. No caso destes, durante o dia assumiriam a forma humana.

Este foi o seu dom.

E assim nasceu a sua maldição.

Da raça *apollite* da mãe, herdaram capacidades mágicas e psíquicas. Devido às ações do pai viveriam durante o dia de acordo com a sua forma base, fosse ela humana ou animal, e de noite seriam capazes de se transformar na forma alternativa. O homem tornava-se no animal e o animal tornava-se no homem.

Sob a luz da Lua cheia, quando os seus poderes atingiam o máximo, nem mesmo as leis do tempo ou da física tinham qualquer poder sobre eles. A partir desse dia viveriam durante séculos, imunes à maldição de Apolo.

Os deuses não ficaram satisfeitos. Exigiram que o rei matasse todas as criaturas que tinha feito. Como se atrevia *ele*, um mero mortal, a ser suficientemente conflituoso para contrariar a vontade deles?

Mas o rei recusou-se. «Não permitirei que os meus filhos sofram por causa da *vossa* vaidade! Por mim, os deuses podem morrer todos.»

Assim sendo, embora os seus filhos tivessem sido poupados à maldição *apollite*, os deuses condenaram-nos a uma nova. Nenhum elemento da sua espécie seria alguma vez capaz de escolher companheiro por sua livre e espontânea vontade, apenas as Parcas o poderiam fazer. E *jamais* haveria paz entre os animais Katagaria e os humanos Arcadianos, que o rei criara.

Inimigos eternos, as duas raças tornar-se-iam conhecidas como caçadores do homem porque se caçavam uma à outra. Ao longo dos tempos, combateriam e chacinariam a sua própria espécie — eternamente desconfiados. Eternamente furiosos. Mais do que isso, tornar-se-iam o

alimento de eleição dos seus próprios primos, os *daemones* vampíricos que precisavam de almas para viver para lá do seu vigésimo sétimo aniversário.

Não haveria paz. Não haveria socorro. O seu destino era sofrer e existir apesar dos deuses.

Até ao dia em que os últimos dois sobreviventes se matassem um ao outro. Essa era a profecia.

E nenhum sofreria mais do que aqueles que envergavam o nome dos descendentes diretos do rei. Aqueles que usavam o apelido Kattalakis...

Capítulo

UM

Janeiro de 2003, Santuário, Nova Orleães

— ENTÃO é este o infame Santuário...

Fang Kattalakis ergueu os olhos do local onde estava a prender a sua esguia *Kawasaki Ninja*, para ver Keegan que fitava o edifício de tijolo vermelho de três andares, do outro lado da estrada.

O lobito estava a chegar à puberdade — tinha cerca de trinta anos de idade em tempo humano, mas fiel à sua espécie e à sua idade de Predador do Homem, Keegan parecia ter cerca de dezasseis anos humanos — o que significava que era tão excitável quanto um adolescente. Vestido de cabedal preto, para se proteger enquanto viajava na sua mota, Keegan quase deixara cair a mota na sua ânsia de visitar o famoso Santuário detido por uma família de ursos.

Fang suspirou demoradamente de exasperação, enquanto prendia o capacete à mochila. Como castigo, ele e o seu irmão Vane tinham ficado responsáveis por tomar conta de Keegan e do seu irmão gémeo, Craig.

Mas que alegria. Tinha preferido que lhe tivessem arrancado as entranhas pelas narinas — ser ama-seca nunca fora algo de que gostasse. Mas pelo menos o seu líder, Stefan, não os tinha acompanhado nesta saída. Isso teria resultado num verdadeiro derramamento de sangue, pois Fang não tinha qualquer respeito nem tolerância por Stefan, nem nos melhores dias.

E aquele não era um «melhor» dia.

O lobito louro afastou-se desengonçado, mas Vane apanhou-o pela parte de trás do pescoço.

Keegan imobilizou-se de imediato, o que dizia muito sobre a sua idade e inexperiência. Mesmo quando não passava de um lobito, Fang *nunca* se rendera sem lutar. Não fazia parte da sua natureza.

Vane largou o pescoço do rapaz.

— Não abandones a matilha, cria. É um mau hábito. Espera por todos.

Era por isso que tinham levado as motas. Pois os jovens «comuns» não eram muito bons a teleportar-se até chegarem aos quarenta ou cinquenta anos, e como os poderes das crias tendiam a baralhar os poderes até dos mais velhos e fortes quando estavam a ser teleportados por outros, o mundano transporte humano era melhor.

E ali estavam eles.

Aborrecidos. Agitados. E com aspeto humano. Que combinação nojenta.

Acima de tudo, Fang estava cansado.

E como estavam a ensinar as crias a socializar e a manter a forma humana durante a luz do dia...

O Santuário parecera-lhes o local mais adequado e seguro para os levar, fora do acampamento. Pelo menos ali, se um deles se transformasse em lobo, os ursos podiam escondê-lo. Só os mais fortes dos lobos Katagaria eram capazes de manter a forma humana durante a luz do dia. Se os lobitos não fossem capazes de manter a forma humana alternativa sob o poder do Sol, quando chegassem aos trinta e cinco anos, o líder ordenaria à matilha que os matasse.

Viviam num mundo duro e apenas os mais fortes da espécie sobreviviam. Se não fossem capazes de combater e de se misturar com os humanos, a morte era certa de qualquer maneira. Não havia necessidade de desperdiçar os seus preciosos recursos com criaturas que seriam incapazes de defender a matilha.

Vane olhou de relance para Fang como se estivesse à espera que este dissesse algo desagradável a Keegan. Normalmente Fang tinha um qualquer comentário espertalhão para dizer sobre o lobito, mas estava demasiado cansado para se dar a esse trabalho.

— Porque é que estamos a demorar tanto tempo? — Fury parou ao lado de Fang, arreliado com a sua demora. Não sendo tão alto quanto

Fang, Fury era esguio e violento. De olhos cor de turquesa, Fury tinha feições afiadas e não havia nada no lobo que não fizesse arrepiar os pelos do pescoço de Fang. O seu longo cabelo louro quase branco estava puxado para trás e preso num rabo de cavalo apertado.

Atirando a mochila para um ombro, Fang dirigiu-lhe um sorriso escarninho que traduzia bem o que pensava sobre o lobo — pouca coisa.

— Fui prender a minha mota, idiota. Preferes que a prenda a ti para ter a certeza que ainda aqui está quando voltar?

As pupilas de Fury estreitaram-se.

— Gostava de te ver a tentar.

Antes que Fang pudesse saltar sobre ele, Liam, o irmão muito mais velho de Keegan, interpôs-se entre eles.

— Calma, lobos.

Tal como um lobo de verdade, Fang mostrou os dentes a Fury, que lhe respondeu na mesma moeda. Face à insistência de Liam, Fury passou por ele enquanto os outros oito lobos atravessavam a rua.

Ele e Vane fechavam a retaguarda.

Fang apontou para Fury com um movimento do queixo.

— Odeio mesmo aquele sacana.

— Não o mates já. Ele tem a sua utilidade.

Talvez. Mas não o suficiente para que Fang não se regozijasse ao pendurar o couro de Fury na sua parede. Não que ele tivesse uma parede, mas se tivesse, Fury faria uma bela decoração peluda.

Fang virou a atenção para o irmão que tinha cerca de dois centímetros e meio a menos — sendo da altura de Fury.

— Porque é que estamos aqui? Podíamos ter treinado os lobitos no acampamento.

Vane encolheu os ombros.

— O Markus queria que nos registássemos junto dos ursos. Como temos muitas fêmeas prenhas, podemos precisar da ajuda do seu médico.

Sim, a sua irmã Anya e meia dúzia de outras fêmeas estavam prestes a dar à luz a qualquer minuto. Markus, o relutante dador de esperma de três delas, também quisera os «filhos» longe. O que não incomodava Fang. Ele também não gostava particularmente do velhote. Por ele já teria desafiado a sua liderança, mas Vane e Anya insistiam em refreá-lo.

Como Vane era um Arcadiano escondido no meio de uma matilha

Katagari, a última coisa de que precisavam era que Fang fosse líder. Isso resultaria em perguntas desconfortáveis, como por exemplo porque é que Vane, o mais velho da ninhada, e portanto o aparente herdeiro do pai e aquele que todos sabiam ter mais poderes mágicos do que Fang, não estava a lutar pela liderança. Mas Vane *nunca* o poderia fazer. Dado que a dor tendia a forçá-los a assumir involuntariamente as formas base, não se podiam arriscar a que Vane assumisse acidentalmente a forma humana no meio de um combate.

Fora por isso que Fang passara toda a noite acordado. Inconsciente e muito ferido, Vane tinha sido obrigado a dormir como um humano. A sua matilha mataria o irmão caso algum deles alguma vez desconfiasse qual era a verdadeira forma base de Vane.

Bocejando, Fang alcançou a matilha que tinha sido parada à porta do Santuário pelo segurança do clube. Mais volumoso do que os lobos, o urso tinha cabelo louro comprido e encaracolado e envergava uma t-shirt preta com o logótipo do Santuário, parcialmente coberta por um casaco de cabedal preto gasto.

Os seus olhos azuis analisaram-nos cuidadosamente.

— Matilha?

Vane deu um passo em frente.

— Kattalakis, Grande Regis Lykos... Katagaria.

O urso arqueou uma sobrancelha, como se tivesse ficado impressionado com o seu *pedigree*. Grande Regis significava que o pai tinha assento no Omegrion — o concelho que supervisionava e emitia as leis que governavam todos os Predadores do Homem. Como tinha apenas vinte e três membros (eram originalmente vinte e quatro, mas uma das espécies tinha sido extinta), era impressionante fazer parte dele.

— Algum de vocês usa o nome Kattalakis?

— Eu e o meu irmão. — Vane apontou para Fang.

O urso acenou, cruzando os braços no peito e assumindo uma postura dura.

— Somos Peltier. Chamo-me Dev, de um conjunto de quadrigêmeos idênticos, por isso não, não vão ver a dobrar ou a triplicar lá dentro, e mantenham-se longe de um tipo igualzinho a mim mas que se veste todo de preto, é o Remi e é um filho da mãe irritável. A minha mãe, a Nicolette, é a Katagari Grande Regis Ursulana, por isso se não começarem com merdas, não haverá merdas. Um resumo rápido das regras.

Nada de lutas, nada de dentadas, nada de magia. Se quebrarem as regras, quebramo-vos os ossos e serão banidos... *se sobreviverem.* — Dirigiu um olhar carregado de significado aos lobitos. — Em suma, venham em paz ou sairão em pedaços. Perceberam?

Fang ergueu uma mão para o mandar dar uma volta, mas Vane apANHOU-LHE o pulso antes que o conseguisse fazer.

— Compreendemos.

Silvando, devido à queimadura que Vane estava a provocar nele, Fang libertou-se da mão do irmão.

Vane fitou-o de olhos arregalados. *Mantém a boca fechada e os gestos para ti próprio,* projetou-lhe mentalmente.

Não recebo ordens dos ursos.

Não, mas recebe-las de mim. Comporta-te, Fang, ou atiro-te para a Idade da Pedra ao pontapé. Vane agarrou Fang pela manga do casaco e arrastou-o para o interior do bar.

Fang empurrou-o. A menos que o atacasse utilizando magia, Vane não era nem de perto nem de longe tão forte quanto ele.

— Não sou a tua cadela, rapaz.

Vane virou-se para ele com um olhar que lhe dizia que estava prestes a ser atacado com o seu melhor golpe.

— Então fá-lo pela Anya. Poderemos necessitar que eles nos ajudem caso ela tenha problemas com a ninhada.

Tratava-se de um golpe baixo e Vane sabia que aquela era a única coisa contra a qual Fang não seria capaz de lutar. Anya era sangue do seu sangue. Por ela, fariam qualquer coisa.

— Está bem. Estou apenas irritado devido à falta de sono.

— Porque é que não dormiste?

Estava a proteger-te... Alguns dos lobos tinham saído para caçar, na noite anterior, e Fang temera que eles tropeçassem em Vane, enquanto este sarava dos seus ferimentos e dormia. Por isso mantivera-se acordado, para garantir que o cheiro dos ferimentos de Vane e a sua cova não eram descobertos.

Mas jamais revelaria a verdade ao irmão. Vane ficaria envergonhado se pensasse que o irmão mais novo o protegera.

— Não sei. Não fui capaz.

— Então quem é ela?

Fang revirou os olhos.

— Porque é que presumes logo que se trata de uma fêmea?

Vane ergueu as mãos.

— Não sabia que preferias homens. Vou arquivar a notícia no meu ficheiro especial sobre Fang.

Ignorando-o, Fang olhou de relance à sua volta para o infame clube escuro que não estava demasiado apinhado no final da tarde. Havia alguns seres humanos sentados às mesas, enquanto outros jogavam *snooker* e videojogos nos fundos. Uma área de dança vazia fora montada à frente do palco onde o nome «Uivadores» tinha sido pintado com tinta de *spray* a azul-escuro e branco na parede de trás.

Craig e Keegan encostaram três mesas num canto para se poderem instalar os dez. Alguns dos seres humanos fitaram-nos, nervosos, algo que Fang achou hilariante, em especial a mulher que pousara a mala no colo quando passara. Como se um lobo precisasse de dinheiro. Por outro lado, eles eram um grupo de aspeto duro. Vestidos de cabedal como *mortards*, todos eles estavam prontos a combater se fosse preciso.

O único entre eles com um ar remotamente limpo era Vane, que envergava umas calças de ganga, um casaco de cabedal castanho e uma t-shirt vermelha-escura. Por outro lado, tinha o cabelo mais comprido que qualquer um deles. Ainda assim, estando preso num rabo de cavalo e tendo o rosto barbeado, tinha um ar apresentável. Os restantes pareciam os animais ferozes que eram.

Fang deixou cair a mochila ao chão e sentou-se de modo a poder esticar as pernas compridas. Encostando-se à parede, ajustou os óculos de sol e fechou os olhos para poder fazer uma «sesta» de combate, enquanto conversavam entre si. Se pudesse ficar dez minutos sem interrupções, ali sentado a pensar sobre nada, seria um lobo novo...

— ACABOU de entrar uma matilha de lobos.

Com um aperto no estômago, Aimee Peltier olhou de relance do livro onde estava a introduzir as novas encomendas. A mãe, Nicolette Peltier, ficou gelada perante a seca declaração de Dev.

Cruzou o seu olhar com o olhar inquisitivo de Aimee, enquanto se afastava da grande secretária castanha.

— Quantos?

— Parecem oito caçadores e dois lobitos em treino.

A *maman* arqueou uma sobrancelha loura. Embora se aproximasse dos setecentos anos de idade, não parecia ter mais de quarenta anos humanos. Envergando um saia-casaco azul e com o cabelo louro repuxado num puxo apertado, tinha um ar afetado e bem-posto — ao contrário de Aimee, que envergava uma t-shirt e calças de ganga e deixava solto o cabelo comprido.

— Caçadores ou Strati?

Os Strati eram guerreiros Katagaria que reuniam os mais ferozes do grupo e eram, normalmente, rápidos a enfurecer-se. Os lobitos, devido às alterações hormonais, que eram ainda piores nos predadores do que nos humanos, eram-no ainda mais. Ainda assim, normalmente não tinham o poder nem a força para acompanhar o ego. Os caçadores, por outro lado, eram assassinos indiscriminados que matavam tudo e todos os que se atravessassem no seu caminho. Os Arcadianos consideravam todos os soldados Katagaria como pertencentes a esta última categoria, para justificarem a necessidade de os matarem.

Se o grupo de lobos fosse realmente composto por caçadores, a sua presença no bar era o equivalente a um barril de dinamite pousado sobre uma lareira onde ardia um bom fogo.

Dev coçou a parte de trás do pescoço.

— Tecnicamente são Strati, mas parecem uns tipos duros. Não seria preciso muito para os transformar em caçadores.

Aimee levantou-se.

— Vou servi-los.

Dev impediu-a de sair.

— A Cherise já foi receber os seus pedidos.

Aimee ficou chocada com tamanha imprudência.

— Confiaste a um humano a tarefa de os servir? — Em que estaria ele a pensar?

Dev parecia imperturbado pela sua própria idiotice.

— A Cherise é demasiado calma e doce. Duvido que até um verdadeiro caçador pudesse ser mau para ela. Além disso, sei o que sentes em relação aos lobos e achei que te podia evitar a tarefa desagradável de lidar com eles. Não precisamos de mais dramas por aqui durante uns tempos.

Era verdade. Os seus encontros com lobos nunca tinham corrido bem. Não sabia explicá-lo, mas partilhava o desgosto da mãe pela espécie. Os lobos eram violentos e imundos. Arrogantes até ao extremo.

Acima de tudo, fediam para a sua sensibilidade de «ursos».

Nicolette levantou-se.

— Aimee, vai mantê-los debaixo de olho. Assegura-te de que não causam problemas enquanto aqui estão. Não quero espetáculo. Se eles fungarem sequer na direção errada, corre com eles.

Ela inclinou a cabeça, aceitando as palavras da mãe.

Dev chegou-se para um lado para a deixar passar.

— Se precisares de ajuda, acorrerei mais depressa do que consegues dizer «lobo da treta».

Aimee teve de se refrear para não suspirar de irritação perante o irmão superprotetor. Ele tinha boas intenções. Mas havia alturas em que se sentia verdadeiramente sufocada pela família.

Ainda assim, ela amava-os... com todos os seus defeitos.

Dando-lhe uma palmadinha no braço, dirigiu-se pelo corredor até à cozinha, onde humanos se misturavam, sem saber, com uma equipa de Predadores do Homem. Eles achavam que se tratava de um bar e restaurante normal. Se soubessem a verdade...

Ela agarrou no seu avental e prendeu-o em redor da cintura antes de levar a mão à bandeja.

— Por onde tens andado?

Aimee parou ao ouvir o vociferar do irmão Remi. Idêntico a Dev no seu aspeto, o que não era de surpreender dado que se tratavam de dois dos quadrigêmeos idênticos que a *maman* dera à luz, herdara toda a rai-va ríspida dos três irmãos juntos.

Além disso quase não a tolerava.

— Com a *maman*, a encomendar comida e álcool. Não que tenhas alguma coisa a ver com isso.

Remi contornou uma mesa industrial de aço inoxidável para penetrar o espaço pessoal dela, de tal maneira que Aimee sentiu vontade de lhe dar uma boa joelhada nas joias da coroa.

— Sim, pois, está ali um grupo de lobos...

— O Dev já me disse.

— Então vai lá para fora e toma conta deles.

Ela dirigiu-lhe um olhar escarninho.

— Bela atitude, Rem, a sério, devias pensar em processar o idiota que ta vendeu.

Ele saltou na direção dela.

Aimee acertou-lhe com a bandeja e empurrou-o para trás.

— Para, irmão. Não estou para aí virada.

E ele empurrou-a também.

— Remi!

Ele estacou quando o pai de ambos entrou na cozinha. Com mais de dois metros e dez e fortemente musculado, o papá urso era assustador de se ver, até para os filhos que sabiam bem que ele jamais os magoaria. O cabelo louro estava puxado para trás num rabo de cavalo igual ao de Remi. De facto, parecia-se tanto com Remi quanto Dev e a menos que se soubesse, o papá podia passar por um irmão mais velho.

— Deixa a tua irmã em paz. Agora vai lavar os pratos até te acalmares.

Remi fitou-o de olhos muito abertos.

— Ela provocou-me.

O pai suspirou.

— Toda a gente te provoca, *mon fils*. Agora vai fazer o que te digo.

Aimee dirigiu ao pai um sorriso conciliatório.

— Foi apenas um pequeno desacordo, papá. O Remi tem esta necessidade de inspirar e expirar, que me irrita. Se ele ao menos parasse de respirar, ficaria bem.

O pai dela dirigiu-lhe um olhar crítico.

— Nunca digas uma coisa dessas, *chère*. Já enterrei filhos suficientes e tu irmãos. Agora vai pedir desculpas ao Remi.

Absolutamente contrita, Aimee aproximou-se do irmão. O pai tinha razão, ela não queria que acontecesse nada a qualquer membro da sua família. Por muito mal-humorado que Remi fosse, ela não deixava de o amar mais do que tudo e protegê-lo-ia com a própria vida.

— Desculpa, lamento.

— É bom que lamentes.

Aimee rosou perante aquela personalidade hostil. Porque é que ele tinha de discutir com toda a gente?

Aimee fitou o pai de olhos muito arregalados.

— Sabes, é uma pena os ursos Katagaria não comerem as suas crias, em especial as mais irritantes.

Querendo deixar alguma distância entre ambos, dirigiu-se para a porta, entrando na área do bar onde a empregada humana, Cherise Gautier, servia as bebidas. Pequena e loura, Cherise tinha a disposição

mais gentil que Aimee alguma vez conhecera nos seus trezentos anos de vida. Criaturas como ela eram raras e Aimee desejava poder ser mais parecida com ela.

Infelizmente, era demasiado parecida com Remi para isso — mais uma razão para não suportar a presença do irmão na maior parte dos dias. Eram farinha do mesmo saco e juntos faziam uma massa desagradável.

— Olá, Aimee — disse Cherise com um sorriso brilhante que a animou de imediato. — Estás bem, querida? Pareces um pouco irritada.

— Estou ótima.

Cherise dirigiu-lhe um olhar penetrante, cobrindo-lhe a mão e dando-lhe um ligeiro aperto de apoio.

— Voltaste a discutir com o teu irmão, linda?

Havia alturas em que quase podia jurar que aquela humana tinha poderes sobrenaturais.

— Não estamos sempre a discutir?

Imperturbável, Cherise voltou a colocar copos na sua bandeja.

— Bem, é para isso que serve a família. Mas tu sabes o que faço. Se alguém te ameaçar, o Remi fá-los-ia em postas e comê-los-ia ao jantar e tu farias o mesmo por ele. Aquele rapaz adora-te mais do que à vida. Nunca te esqueças disso. — Cherise pegou na bandeja.

— Eu levo. — Aimee colocou-se à sua frente.

Cherise franziu o sobrolho.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Além disso, está na hora da tua pausa.

Com uma expressão cética, Cherise recuou.

— Está bem. Não estarei muito longe, se de repente estiveres demasiado atrapalhada. Estas bebidas são para a mesa trinta.

Aimee pegou na bandeja e praguejou perante o peso de oito cervejas em canecas geladas e duas *Colas*. Ainda bem que ela tirara a bandeja das mãos da humana. Pequena e frágil como era Cherise, teria dificuldade em carregá-la. Mas, fiel a si própria, a humana não pronunciaria uma única palavra de lamento. Cherise nem por uma vez se queixara de nada nem de ninguém.

Aimee avançou cuidadosamente da zona do bar até às mesas, à frente das quais os cães se tinham refugiado. Quando dobrou a esquina, suspirou irritada.

Sem dúvida alguma, pareciam a escória do reino animal. Brutos com mau aspeto envoltos em catedral. Esperava apenas que os dois mais novos não tentassem saltar para cima da mobília ou da perna de algum humano.

Ainda assim, quando se aproximou, não pôde deixar de reparar que o de cabelo mais comprido era muitíssimo elegante. O seu cabelo escuro era composto por uma miríade de cores. Vermelho, mogno, castanho, preto e até um pouco de louro. Era tão espantoso como os seus olhos escuros.

Só havia mais um digno de nota, aquele que envergava um casaco preto de *motard*, que se recostara na cadeira com as pernas incrivelmente longas esticadas à frente do corpo. A t-shirt preta estava justa a um tronco liso e duro como pedra. De cabelo escuro e curto e uma atitude claramente desagradável, era difícil não reparar nele. As suas feições rudes estavam cobertas com uma barba de vários dias e os olhos completamente escondidos por um par de óculos de sol opacos.

Havia algo nele que gritava poder. Algo letal, mortífero, cru. O animal dentro dela era capaz de apreciar o quão impressionante seria para libertar aquela vibração, estando completamente relaxado. Também lhe despertou os instintos e a deixou muitíssimo desconfiada de todo o grupo.

Sim, aquele lobo dava à palavra *caçador* um novo significado. Olhou de relance para a sala para localizar os seus aliados. Os irmãos Zar e Quinn estavam no bar. Colt, outro urso que vivia com eles, tomava um copo à sua frente. O ajudante Wren, que era um tigre, encontrava-se no canto oposto, limpando as mesas enquanto o seu macaco de estimação, *Marvin*, lhe espreitava do bolso do avental.

Tinha o apoio necessário, caso precisasse dele.

Afastando a sua própria aura de «vai-te lixar», percorreu o espaço que os separava.

Mal a viram aproximar-se, os lobos levantaram-se... exceto aquele que parecia ser o mais duro de todos. Esse continuava recostado, com os braços cruzados sobre o peito.

— Fang! — vociferou o de cabelo mais comprido e escuro, dando-lhe um pontapé nas pernas.

Fang levantou-se com um palavrão tão forte, que a fez corar de verdade. Saltou sobre aquele que ladrara o seu nome, ainda antes de se aperceber do que tinha feito.

— Vane?

— Sim, palerma, larga-me.

O lobo de cabelo comprido de um louro quase branco, mais próximo de Fang, baixou a cabeça ameaçadoramente.

— Estavas a dormir?

Fang largou Vane e dirigiu ao outro lobo que falara um olhar de escárnio que dizia que ele não só odiava o lobo, como achava que se tratava de um idiota.

— Estava sob a forma de lobo ou humana?

— Humana.

— Então não estava a dormir, pois não, *Scooby*?

Aimee arqueou a sobrancelha perante o insulto. Os lobos não gostavam de ser comparados com cães e tratar um deles pelo nome de uma personagem de desenho animado canina conhecida pelos seus tolos disparates resultava, normalmente, num combate.

O facto de o lobo louro não o ter atacado corroborava a ferocidade de Fang, como mais nada o poderia ter feito.

Fang mudou de posição e tirou os óculos de sol, como se estivesse a tentar mostrar respeito pela presença de Aimee — algo que lhe parecia incongruente e no entanto... aquele lobo não era nada como estava à espera.

E os olhos dele...

Eram de um castanho maravilhoso, com um toque de ferrugem. No entanto foi a dor e a inteligência no interior deles que a comoveu. Uma dor que parecia não ter fronteiras.

Bocejando, Fang coçou os pelos espessos da barba que começava a despontar.

— Embora não fosse por não ter tentado.

O lobito mais jovem aproximou-se dela.

— Deixe-me ajudá-la com isso.

— Não é preciso — disse ela gentilmente, surpreendendo-se com as boas maneiras daqueles lobos. Aqueles com que se tinha deparado no passado provinham dos escalões mais baixos da escala evolutiva.

Mal pousou a bandeja, todos eles pegaram nas bebidas sem ficarem à espera que ela as distribuísse.

Vane pegou na toalha e limpou a bandeja, secando-a antes de lha devolver.

Aimee sorriu.

— Obrigada. — Na verdade era desconcertante ver lobos com uma aparência tão rude a mostrarem tão boas maneiras. Ela não sabia ao certo como lidar com eles.

Quando se começou a afastar, o lobo chamado Fang impediu-a com um toque gentil.

— Deixaste cair isto. — Ele baixou-se para apanhar o bloco que lhe devia ter caído do bolso do avental.

Quando ele se levantou, ela apercebeu-se exatamente do quão grande ele era. Não era entroncado como os ursos a que estava habituada, era esguio.

E estava em forma. Era sólido como aço.

— Obrigada.

Fang ficou sem palavras, a olhar para os olhos azuis mais límpidos que alguma vez vira. Estavam colocados no rosto de um anjo louro. Um anjo que apresentava a mais pequena das covinhas na face direita quando falava.

A pele dela parecia macia como veludo e, por uma razão que não era capaz de identificar, queria deslizar a parte de trás dos dedos pelo rosto dela, para ver se era tão suave como parecia.

E o cheiro dela... lavanda e lilás. Normalmente o odor das outras espécies era repugnante aos seus sentidos de lobo muitíssimo apurados. Mas não o dela. Ela tinha um cheiro quente e doce. Tão doce que teve de usar toda a sua força de vontade para não esfregar o rosto na curva do pescoço dela de modo a senti-la ainda mais de perto.

Quando a mão dela tocou ao de leve na dele, todo o seu corpo irrompeu em ondas de calor.

Sem uma palavra, ela guardou o bloco de notas no bolso e afastou-se.

Fang teve de se controlar, para não a seguir.

Vane estendeu-lhe a sua cerveja, chamando-lhe a atenção. Quando voltou a olhar, a fêmea urso tinha desaparecido.

— Estás bem?

Fang acenou com a cabeça perante a pergunta de Vane.

— Apenas cansado.

Mal se preparou para se sentar, a urso estava de volta. Todos se levantaram — algo que fazia parte da sua formação. Os lobos protegiam as suas mulheres com mais afinco que qualquer outra espécie de Predadores

do Homem. Leais e mortíferos, eram treinados desde o nascimento para mostrarem respeito perante as fêmeas, independentemente da espécie. O facto de esta urso ser parente dos detentores do bar tornava-a ainda mais respeitável.

A bela urso pegou no bloco de notas.

— Chamo-me Aimee. Esqueci-me de apontar os vossos pedidos.

Aimee... Era um nome belo, suave e perfeito para ela. Embora não o tivesse repetido em voz alta, Fang sabia que rolaria na sua língua como um bom uísque.

— Bife — disse Vane. — Tão mal passado quanto possível.

Ela apontou.

— Presumo que cada um de vocês queira uns dois?

Liam ajeitou a cadeira.

— Sim. Por favor.

Aimee acenou e escondeu um sorriso perante o pedido que a sua clientela Katagari mais gostava de fazer. Todos os animais gostavam da sua carne pouco mais do que aquecida pelos cozinheiros humanos, que não conseguiam perceber porque é que tinham tantos pedidos do género.

— Muito bem, duas dúzias especiais da casa. Haverá alguma hipótese de que algum de vocês queira arriscar algo mais perigoso e experimentar um vegetal?

— Parecemos coelhos?

Vane deu uma palmada no ombro do homem louro à sua direita.

— Para com isso, Fury.

O lobo pareceu irritado, mas controlou-se. Sendo lobos, todos respeitavam o alfa, mesmo quando não gostavam de o fazer. Claro que também lutariam até à morte às suas ordens. Por muito que lutassem entre eles, no fim do dia, unir-se-iam sempre contra qualquer estranho. Era o que os tornava tão perigosos.

Os lobos nunca lutavam sozinhos.

Lutavam em matilha. Feroz. Fria. Letal. E juntos eram capazes de matar quase todos os seres vivos... ou mesmo os que não viviam.

— Têm alguma coisa doce?

Aimee virou a atenção para Fang, face a um pedido tão pouco ortodoxo. Os ursos adoravam doces, mas os lobos ficavam-se, normalmente, pela carne.

— Gostas de doces?

— Eu não. É para a nossa irmã. Ela está prenha e tem tido desejo de doces.

Desta vez ela sorriu, sentindo uma onda de calor a varrê-la.

— E queres levar-lhe qualquer coisa?

Ele acenou com a cabeça.

Que gesto tão simpático. Era algo que os seus... sentiu-se gelar perante a dor que aquele pensamento causava. Mesmo agora, a recordação era afiada como uma lâmina e trespassava-a até ao centro do seu ser. Fazia sempre os possíveis para não pensar em Bastien e Gilbert. Ainda assim, eles penetravam nos seus pensamentos muitas vezes por dia.

— Com certeza. Vou preparar alguns pedaços de carne e uns doces para ela.

— Muito obrigado.

Por uma qualquer razão que não era capaz de explicar, Aimee queria ficar a conversar com o lobo. Quanto mais não fosse, para ouvir o timbre profundo da sua voz quando falava. A sua fala tinha uma leve entoação que lhe dizia que ele vivera em Inglaterra a certa altura da sua vida. Era verdadeiramente sedutor...

O que é que se passa comigo? Eu odeio lobos.

Eram ruidosos. Execráveis. Malcheirosos e andavam sempre à procura de sarilhos.

No entanto havia algo em relação a este que a atraía. E o facto de ele pensar na irmã...

Pelo menos tinha coração. Só isso era o suficiente para o deixar a milhas dos restantes elementos da sua espécie.

Quando se voltou a afastar, não conseguiu resistir ao impulso de olhar para trás. Naquele momento ele estava a dar umas palmadas a Fury, enquanto Vane os separava como um pai com os seus dois filhos jovens.

Aimee abanou a cabeça.

Aquilo era precisamente a razão por que não gostava de lobos. Havia algo nos canídeos; estavam sempre a morder e a atacar os outros da sua espécie e qualquer pessoa que fosse suficientemente tola para se aproximar deles.

Quando se dirigia à cozinha para entregar os pedidos, um grupo ruidoso que desceu as escadas fê-la parar. Praguejou interiormente ao vê-los.

Chacais. Duas fêmeas e quatro machos. Deviam ter-se teleportado para o piso superior que estava reservado a esse tipo de atividade — tratava-se de uma área bloqueada aos humanos, para que nunca desconfiassem do que era realmente o Santuário. Para eles, não passava de um clube.

Para os Predadores do Homem, era um terreno neutro onde ninguém seria magoado.

E se havia alguma coisa que ela odiava mais do que os lobos, eram *aqueles* primos canídeos — os chacais. Se ser um chacal não fosse só por si suficientemente mau, aqueles eram Sentinelas Arcadianas e, pelo aspeto, estavam a caçar alguém.

Suspirando pesadamente, olhou de relance para os lobos Katagaria, perguntando-se como iriam reagir à presença dos chacais Arcadianos.

A última coisa de que precisavam era de uma luta violenta entre um clã de Sentinelas e uma matilha de Strati, em especial Strati com jovens para proteger. Isso tornava-os ainda mais inquietos e violentos do que o normal.

Ela começou a dirigir-se ao bar, mas o seu caminho foi cortado quando um dos chacais se teleportou para a sua frente. Ele dirigiu-lhe um olhar escarninho e enojado.

Aimee semicerrou os olhos fitando-o.

— Não podes usar aqui a tua magia. Estão presentes demasiados seres humanos.

Ele sorriu afetadamente.

— Não recebo ordens de animais. Agora diz-me onde está o Constantine ou vamos partir este bar.

Aimee recusava-se a ser forçada por quem quer que fosse.

— Estamos protegidos pelas leis do Omegrion, que também estás obrigado a seguir. Todos são bem-vindos. Mesmo a tua espécie pútrida. E ninguém pode ser removido pela força.

Ele agarrou-a por um braço.

— Vai buscar o Constantine ou farei botas com o teu couro, urso.

Aimee torceu o braço, libertando-se.

— Não me toques ou pendurarei as tuas joias na parede por cima da tua cabeça.

Os chacais rodearam-na.

— Não temos tempo para isto. Ele está aqui. Conseguimos cheirá-lo.

Aimee dirigiu-lhe o seu próprio olhar escarninho.

— Tens de tirar a cabeça do teu traseiro e parar de cheirar a tua própria roupa interior, porque os únicos chacais que aqui estão, amigo, são *vocês*.

— Há algum problema? — Por uma vez ficou grata ao ouvir o rosido profundo de Dev.

Aimee olhou por cima do ombro do líder, vendo Dev na companhia de Colt, Remi e Wren. Também o seu pai avançava na direção deles.

— Sim. Acho que está na hora de os nossos amigos saírem.

Dev estendeu o braço para o líder, que se virou a ele tão depressa que ela mal o viu mexer. Num só movimento fluido, deitou Dev de costas no chão. Dev ergueu um braço mas estacou, vendo o *taser* que o chacal lhe apontava.

Não foi a dor de ser atingido que o fez parar. Bastava uma descarga e perderia o controlo das suas formas humanas durante horas. Aliás, qualquer choque elétrico os faria saltar entre a forma humana e animal durante algum tempo.

Algo que seria difícil de explicar à sua clientela humana, que tendia a ficar algo perturbada quando via aquilo.

Aimee olhou à sua volta para os vários humanos presentes na sala. Tinham de resolver aquela situação tão pacificamente quanto possível.

E depressa.

O líder olhou para lá dela e acenou subtilmente com a cabeça.

De súbito, o homem que se encontrava atrás dela agarrou-a com força e encostou-lhe uma faca à garganta.

O olhar do líder cintilava como gelo.

— Agora leva-nos ao Constantine ou arrancar-te-emos a cabeça.

Aimee dirigiu um olhar assustado a Dev, que percebeu o que ela sentia.

Não lhe podiam dar o que não tinham.

Aquilo estava prestes a tornar-se sangrento e seria o sangue dela a ser derramado primeiro.

Capítulo

DOIS

— **NÃO** te metas, Fang — disse Vane num sussurro.

A sua raiva fervia, e Fang semicerrou os olhos sobre as Sentinelas que rodeavam Aimee.

— É uma fêmea ameaçada.

— Ela não é uma das nossas e precisamos de ter os ursos do nosso lado. Se quebrares as leis do Santuário Omegrion, eles recusarão ajudar-nos. Para sempre. Recusarão ajudar *Anya*.

Fang ouviu aquelas palavras e estava disposto a respeitá-las. A sua irmã era a coisa mais importante... até ter visto a faca.

Vane praguejou quando também ele a viu. Com Anya ou sem ela, não estava na sua natureza deixar que aquilo acontecesse e como os ursos pareciam ter-se metido em algo que os ultrapassava...

O olhar cor de avelã de Vane prendeu-se ao de Fang.

Eu lido com o idiota da frente, tu com o que está a prender a mulher.

Fury baixou a cabeça concordando com aquele ataque suicida.

— Nós cobrimos a retaguarda.

Vane inclinou a cabeça antes de se teleportarem para o meio da luta.

AIMEE considerou as consequências de dar uma cabeçada ao chacal que a segurava. Mas este mantinha a faca bem encostada à sua garganta,

o que a impedia. Cortaria a sua própria jugular caso tentasse. Olhou para os irmãos e para o pai, que se mantinham a alguma distância, demasiado assustados para se moverem, com medo que a magoassem.

Lágrimas de frustração acumularam-se-lhe nos olhos. Não suportava aquele sentimento de impotência. O urso dentro dela queria provar o sangue do chacal, independentemente do que isso lhe custasse. Mesmo que fosse a morte. Mas o seu lado humano sabia que não o podia fazer.

Não valia a pena arriscar.

O chacal agarrou-a pelos cabelos e pressionou ainda mais a faca.

— Diz-nos onde está o Constantine. Agora! Ou então o sangue dela fluirá como o poderoso Niágara.

O pai dela abriu a boca, mas antes que pudesse falar, algo atirou a faca para longe da garganta dela. Aimee praguejou quando a sua cabeça foi puxada para trás juntamente com o cabelo. Desequilibrada, caiu ao chão e aterrou de barriga. Os sons explodiram à sua volta quando os chacais foram rápida e dolorosamente derrubados pelos lobos. Esfregando a garganta, onde tinha sido encostada a faca, ela olhou para o chacal que a tinha segurado.

Fang atirara-o ao chão, e batia com a sua cabeça repetidamente contra o solo com tanta força quanto possível. Era como se estivesse possuindo por algo que exigia que matasse o chacal com as próprias mãos.

O sangue cobria-os a ambos.

— Fang! — gritou Vane, afastando-o. — Ele já está a dormir.

Rosnando, Fang levantou-se apenas para pontapear o chacal nas costelas.

— Sacana covarde. Encostar uma faca a uma mulher. — Virou-se de novo para a sua vítima, mas Vane impediu-o.

— Basta!

Fang afastou o irmão, antes de se virar para ela com um olhar tão angustiado e atormentado que ela ficou sem fôlego. Que demónio tinha afundado as suas garras tão profundamente na alma dele? Havia algo de trágico por detrás daquele tipo de dor.

Só podia.

Ele virou-se de novo para o chacal.

Vane abriu os braços para o apanhar.

— Ele está caído. Deixa-o.

Rosnando como um verdadeiro lobo, Fang empurrou o irmão do caminho.

— Espero lá fora.

Antes que Vane o conseguisse impedir, ele deu um último pontapé na cabeça do chacal a caminho da porta.

Fury riu do gesto de Fang, enquanto torcia o braço do chacal que apanhara.

— Devia realmente partir-te em dois. Podia não animar o teu dia, mas animaria sem dúvida o meu.

Vane abanou a cabeça perante as ações de Fang e as palavras de Fury. Virando-se para o *papa*, avançou lentamente na sua direção.

— Peço desculpa por termos quebrado o acordo. — Estendeu dinheiro a Dev. — Partiremos e nunca mais regressaremos.

O *papa* voltou a devolver o dinheiro a Vane.

— Não têm de partir. Foi a minha filha que salvaram. Agradeço-vos pelo que fizeram. Enquanto nós tivermos abrigo, vocês têm abrigo. — Aquela era a mais elevada honra que um Predador do Homem podia conceder a outro. Era o seu ditado mais antigo e era oferecido apenas a outra espécie como demonstração de amizade eterna.

Não, mais de parentesco.

Vane pareceu envergonhado por ela.

Aimee observou enquanto a família retirava os chacais das mãos dos lobos e os levava para longe, sem dúvida para lhes dar uma tarefa ainda maior, longe dos olhos dos humanos.

— Estás bem? — perguntou Remi enquanto a ajudava a levantar.

Ela acenou com a cabeça.

Ele dirigiu um olhar feroz ao tipo que Fang tinha espancado, e que continuava deitado no chão num monte ensanguentado.

— Ainda bem, porque eu vou tirar a pele a um chacal quando ele acordar.

Aimee cruzou os braços sobre o peito.

— Acho que o lobo já o fez.

— Sim, mas não chegou. Vou acrescentar a minha própria tarefa. Aquele rapaz vai ter pesadelos com ursos para o resto da sua vida... que se poderá revelar muito mais curta do que ele tinha imaginado.

Normalmente Aimee ter-lhe-ia dado uma resposta atrevida, mas naquele momento estava tão abalada como os restantes. Era raro que

alguém conseguisse apanhar a sua família de surpresa, em especial Dev, que era famoso pelas suas capacidades como lutador. Nunca, em todos aqueles séculos, tinha ela visto alguém a atirá-lo ao chão.

Uma pequena tarefa aos chacais poderia contribuir muito para garantir que isto nunca voltaria a acontecer.

— Então e os humanos?

O *papa* apontou com o queixo na direção do louro alto que cirandava por entre a multidão.

— O Max está a tratar deles neste preciso momento. Foi por isso que não gritaram nem se moveram quando os chacais te atacaram. Ele apercebeu-se da confusão e apareceu aqui.

Ela suspirou de alívio. Maxis era um dragão que tinha a capacidade de alterar as memórias humanas. Era uma das razões por que o mantinham por perto, embora fosse difícil acomodar a sua grande forma de dragão. Os seus talentos eram úteis em alturas como esta e significava que não precisavam de matar os seres humanos que testemunhassem coisas que não era suposto verem.

— Devíamos ir buscar o Fang? — perguntou Keegan a Vane, enquanto passavam por ela.

— Deixa que se acalme primeiro. Não precisamos que ele comece uma nova luta.

Aimee estendeu a mão a Vane.

— Obrigada pela ajuda. Agradeço-te muito.

Ele apertou-lhe a mão gentilmente.

— Sempre que seja preciso.

Ela sorriu-lhe e apontou com o polegar para a cozinha.

— Vou verificar os vossos pedidos e trá-los-ei num instante.

O pai dela inclinou a cabeça na direção de Vane.

— E não se preocupem, é por conta da casa. O que quer que vocês, lobos, precisem, basta que nos peçam.

— Obrigado — disse Vane enquanto conduzia os lobos de volta à sua mesa.

Dev dirigiu um sorriso à irmã.

— Nunca pensei dizer isto a propósito de um grupo da espécie canina, mas acho que gosto daquele bando.

Aimee não teceu qualquer comentário quando se dirigiu para a mesa da cozinha onde a mãe os aguardava.

Com as feições sérias, *maman* afastou-se para a deixar passar.

— Constantine ocupa o lugar no Omegrion como seu Grande Regis Arcadiano. Não o conheço bem, no entanto acho que será melhor encontrá-lo e dizer-lhe onde os seus amigos se encontram, só para equilibrar um pouco as coisas já que eles estão tão ansiosos por se encontrarem com ele.

Era uma forma subtil de a *maman* dizer que queria que matassem os chacais e que procurava uma forma de se justificar perante o Omegrion caso estes alguma vez a questionassem. Afinal de contas, se os chacais estavam a caçar Constantine com tanta ferocidade, era justo que este ficasse a saber.

Aimee podia ter argumentado que se tratava de uma sentença dura, mas tendo em conta o que os chacais lhe tinham feito, encontrava-se no mesmo estado de espírito que a mãe.

— Tenho a certeza que o Dev conseguiria tratar disso.

Os olhos da sua mãe escureceram.

— Ninguém ameaça as minhas crias. Estás mesmo bem, *chérie*?

— Estou ótima, *maman*. Graças aos lobos.

A mãe deu-lhe uma palmadinha ligeira no braço antes de regressar ao seu escritório.

Aimee aproximou-se do local onde um bife cru fora já colocado na prateleira. Distribuindo os pedidos pelos seus cozinheiros, pegou no prato e agarrou numa bebida para Fang ao passar pelo bar.

— Volto num instante.

O irmão mais velho, Zar, que se parecia muito com Dev mas tinha o cabelo mais curto, sendo mais alto e mais largo, colocou-se no seu caminho.

— Estás bem?

Por aquela altura, a pergunta começava a irritá-la. Ela não era uma bonequinha frágil que se partisse ao mais pequeno puxão. Era um urso com toda a força e capacidades inerentes à sua espécie. A sua família, contudo, tendia a esquecer esse facto.

— Um pouco abalada e muito irritada. Não gosto que me apanhem de surpresa, como aconteceu com os chacais. Mas agora já estou bem.

Um músculo do seu maxilar estremeceu nervosamente, revelando a raiva que mantinha enterrada sob a sua aparência calma.

— Desculpa não termos chegado a ti mais depressa.

Aquelas palavras eram assustadoras, pois despertavam dentro dela memórias que não queria ter.

— A sério, está tudo bem, Zar. Prefiro ser ameaçada a ver-vos magoados. — Mais uma vez. Ela deixou essas palavras por dizer, ao ver as suas próprias recordações dolorosas espelhadas no horror do olhar dele.

Era um passado sobre o qual nunca falavam, mas que os marcara a todos.

— Adoro-te, Zar.

Ele ofereceu-lhe um sorriso vazio antes de se afastar para poder continuar a cuidar do bar.

Aimee saiu pela porta das traseiras, que dava acesso ao beco, e depois atravessou a rua até ao local onde Fang estava sentado no passeio, à espera dos outros. De rosto perturbado, fê-la pensar numa criança perdida. Havia algo completamente incongruente na sua aura mais dura que aço. Já para não falar na rapidez com que derrubara o atacante dela sem que esta sofresse sequer um arranhão. A sua velocidade e força não tinham rival e eram assustadoras.

Ainda que tivesse usado os seus poderes para limpar o sangue das roupas, ela lembrava-se bem de como ele destruíra o chagal.

Mas o que mais a surpreendeu foi o facto de não sentir repulsa pela sua violência. Normalmente, uma reacção tão extrema tê-la-ia levado a expulsá-lo.

Por outro lado, tinha sido ela a ter a faca encostada ao pescoço. Pessoalmente, teria gostado de dar uma tarefa ao chagal. Sim, devia ser isso. Estava demasiado grata para se sentir furiosa com as suas ações.

Fang levantou-se de um salto, mal a viu.

Por uma razão que não conseguia identificar, sentiu-se subitamente nervosa e constrangida ao aproximar-se. Hesitante até.

Que atitude tão estranha para si. Normalmente permanecia gelada nas proximidades dos homens. Em especial quando pertenciam a outra espécie. Mas com Fang...

Havia simplesmente algo de diferente.

Fang engoliu em seco ao ver Aimee parar do outro lado da rua. Ela era ainda mais bela sob a luz do dia do que no interior do clube. A luz do Sol cintilava no seu cabelo, transformando-o em ouro fiado e fazendo

nascer nele o desejo de tocar na sua suavidade. Ela devia estar gelada. Tudo o que tinha vestido era uma fina t-shirt do Santuário.

Ele tirou o casaco quando ela se aproximou finalmente dele.

— Queria agradecer-te outra vez — disse ela, a voz grave e doce. Ela franziu o sobrolho quando ele lhe envolveu os ombros magros com o casaco.

Fang baixou a cabeça, envergonhado, quando se apercebeu porque é que a incomodara.

— Sei que cheira a lobo, mas está demasiado frio para ficares aqui com os braços nus.

Ela franziu ainda mais o sobrolho a olhar para os braços dele.

— Tu também estás de t-shirt.

— Sim, mas estou habituado a andar aos elementos. — Ele pegou na comida que ela lhe levara. — Quer isto dizer que afinal de contas não fiz com que fôssemos banidos.

Ela sorriu, mostrando-lhe aquela encantadora covinha que ele estava disposto a matar para beijar.

— Longe disso. Qualquer um que lute por nós será sempre bem-vindo. Mostrando alívio nas suas feições, ele acenou.

— Ainda bem. Estava com medo de ter de ouvir as mer... tretas do Vane durante os próximos séculos.

Aimee refreou uma gargalhada perante a forma como ele se contivera antes de praguejar à sua frente. Era muito doce e encantador, bem como inesperado.

— Tu não és como os outros lobos, pois não?

Ele bebeu um gole de cerveja diretamente da garrafa.

— Como assim?

— Nunca estive perto de lobos que fossem tão...

Ele arqueou uma sobrancelha como se a desafiasse a insultá-lo.

— Educados.

Fang soltou uma gargalhada, um som quente e rico que não tinha qualquer traço de troça. A expressão suavizou as suas feições, tornando-o ainda mais belo e intrigante. E por uma qualquer razão, não conseguia afastar os olhos dos seus braços bem esculpidos que ondulavam a cada movimento que ele realizava. Ele tinha os melhores bíceps que ela alguma vez vira.

— A culpa é da nossa irmã — disse ele, depois de ter engolido um

pouco de carne. — Tem códigos que temos de seguir e o Vane aplica-os para lhe agradar.

— Mas não gostam deles? — Tinha havido algo na voz dele enquanto falava.

Ele não respondeu, cortando o bife com o garfo.

Aimee apontou para o bar.

— Não queres comer lá dentro com os outros?

— Não. Não gosto de estar debaixo de teto e, de qualquer forma, não suporto a maioria deles. — Apontou com o queixo na direção da porta estilo *saloon* onde Dev se encontrava de novo a montar guarda. — Provavelmente devias voltar a entrar. Tenho a certeza de que o teu irmão não te quer aqui a falar com cães.

— Não és um cão — disse ela com simpatia, surpreendendo-se a si própria por o ter dito com convicção. Uma hora antes, teria sido ela a lançar-lhe aquele insulto, bem como ao resto da matilha.

Agora...

Ele não era mesmo como os outros e ela queria mesmo ficar ali fora com ele.

Vai, Aimee.

Ela afastou-se um passo antes de se lembrar de que tinha vestido o casaco dele. Tirando-o, estendeu-lho.

— Obrigada mais uma vez.

Fang não conseguiu falar, enquanto a via atravessar a rua e regressar ao bar. Ao apertar o casaco contra o peito, o cheiro dela atingiu-o com toda a força, numa onda tão forte que sentiu vontade de uivar. Em vez disso, enterrou o rosto no colarinho do casaco, onde o cheiro dela era mais forte. Inalando profundamente, sentiu que o corpo ficava rígido de uma forma que só sentira uma vez, por uma outra fêmea...

Estremeceu quando as velhas recordações o trespassaram.

Embora não tivessem sido parceiros, Stefanie fora todo o seu mundo.

E ela tinha morrido nos seus braços, vítima de um ataque brutal.

Aquela recordação estilhaçou o calor que lhe corria nas veias e trouxe-o de volta à realidade numa recordação feroz de quão perigosa era a sua existência. Era por isso que aquele chacal tinha sorte em estar vivo. A única coisa que Fang não conseguia aguentar era ver uma mulher ameaçada, e ainda menos magoada.

Qualquer criatura suficientemente cobarde para atacar uma mulher

merecia a morte mais brutal imaginada. E se lhe fosse administrada pela mão de Fang, ainda melhor.

Voltando a enfiar o casaco, pegou no prato e voltou a comer.

Uma vez terminado, levou os pratos a Dev que lhe agradeceu uma vez mais por ter salvado Aimee.

— Sabes, para um lobo, não fedes assim tanto.

Fang fungou.

— E para um urso não me irritas o traseiro.

Dev riu, bem-humorado.

— Vais voltar a entrar?

— Não. Prefiro ficar cá fora e gelar.

— A quem o dizes. Também gosto mais de estar cá fora. Lá dentro há demasiados humanos para o meu gosto.

Fang inclinou a cabeça, surpreendido por o urso o compreender. Anya já o tinha tornado suficientemente humano, não queria ser mais treinado do que isso. Enfiando as mãos nos bolsos, voltou para junto das motas para esperar.

AIMEE saiu em resposta aos resmoneios insistentes de Dev, que não paravam de chegar até ela através do auricular que usava — toda a equipa os usava, para que os Predadores do Homem pudessem parecer mais humanos sempre que usavam os seus poderes para comunicar uns com os outros.

— O que foi? — vociferou ao chegar à porta.

Ele estendeu-lhe um prato vazio e uma garrafa de cerveja.

— Oh. — Ela avançou para lhe tirar os objetos da mão. Inesperadamente, o seu olhar voou para Fang que se encontrava de novo sentado no chão com as pernas dobradas e os braços pousados sobre elas, enquanto as costas se apoiavam num velho poste.

Havia algo de muito feroz e masculino naquela posição. Algo que lhe fazia acelerar o coração.

Ele não é da mesma espécie, miúda...

E, no entanto, para as suas hormonas isso não era importante. Lindo era lindo, independentemente da raça ou do tipo.

Sim, era a isso que estava a reagir. Não era nada mais do que o facto de se tratar de um espécimen excecional da fisiologia masculina.

— Passa-se alguma coisa?
Aimee pestanejou e olhou para Dev que a observava.
— Não, porquê?
— Não sei. Estás com uma expressão parva que nunca antes te tinha visto.
Ela emitiu um som de desagrado abrupto.
— Eu não pareço parva.
Ele fungou.
— Sim, pareces. Procura um espelho e confirma. É mesmo assustador. Se fosse a ti, não deixava que a *maman* visse isso.
Ela revirou os olhos.
— Isto vindo de um urso que levou uma tarefa de um chagal?
Os olhos de Dev flamejaram.
— Estava preocupado com a faca que tinhas encostada ao pescoço. Aimee deu uma gargalhada exagerada.
— Já estavas no chão imobilizado antes de me terem agarrado.
Dev preparou-se para argumentar, depois parou. Ele olhou para o chão como se tivesse medo de que o pudessem ouvir.
— Achas que mais alguém se lembra disso?
— Depende. — Ela dirigiu-lhe um olhar calculista. — Quanto é que me vais pagar para apoiar a *tua* versão?
O olhar de Dev tornou-se encantador e doce.
— Pago-te em amor, querida irmãzinha. Sempre.
Ela troçou da sua oferta.
— O amor não paga a renda, querido. Só o dinheiro puro e duro.
Dev ficou de boca aberta, a sua expressão completamente ofendida, levando uma mão ao coração como se ela lho tivesse ferido.
— Vais mesmo agir como uma mercenária com o teu irmão mais velho preferido?
— Não. Jamais faria isso ao Alain.
— Au! — Dev abanou a cabeça como se se tivesse queimado. — A ursinha está com uma bela atitude.
Rindo, ela saiu para lhe dar um abraço rápido.
— Não te preocupes, mano velho, o teu segredo está seguro comigo desde que não me irrites demasiado.
Ele envolveu-a com os braços e apertou-a com força.
— Sabes que te adoro, mana.

— Também te adoro. — E era verdade. Apesar das suas discussões e brigas, a família era tudo para ela. Afastando-se, virou-se uma vez mais para olhar de relance para Fang. O mais provável era que nunca mais o voltasse a ver. Algo que acontecia muitas vezes, na verdade, com a sua clientela, e no entanto por uma qualquer razão, desta vez, esse pensamento provocava uma dor profunda em si mesma.

Perdi os últimos três neurónios que me restavam... Ursa, volta para o trabalho e esquece-o.

FANG levantou-se quando viu a matilha sair do bar. Vane foi o primeiro a chegar junto dele.

— Toma. — Vane atirou-lhe a mochila, depois estendeu-lhe um saco de algo doce e rico.

— A ursinha queria assegurar-se de que recebias isto para a Anya. Ela disse que também estava aí qualquer coisa para ti.

Isso deixou-o num choque absoluto. Nunca ninguém lhe oferecera nada.

— Para mim?

Vane encolheu os ombros.

— Não compreendo a forma de pensar dos ursos. A maior parte dos dias quase não compreendo a nossa.

Fang era obrigado a concordar com ele — ele também não compreendia. Enfiou o saco na mochila, enquanto os restantes lobos subiam para as suas motas e partiam. Seguiram em silêncio durante todo o caminho de regresso ao *bayou* onde tinham montado acampamento para que as suas fêmeas pudessem dar à luz as crias, em paz e protegidas.

Mal regressaram, o pai recebeu-os sob a forma de um lobo. Markus assumiu a forma humana só para lhes dirigir um olhar escarninho.

— Porque é que as meninas demoraram tanto tempo a voltar?

Quando Fang abriu a boca para ripostar, Vane dirigiu-lhe um olhar de aviso.

— Passei pela clínica e tenho informação de contacto caso alguma das nossas fêmeas precise de ajuda.

Markus ergueu o lábio superior. Embora tivesse sido ele a enviá-los, tinha de se armar em parvo.

— No meu tempo, deixávamos que as lobas incapazes de dar à luz morressem.

Fang fungou.

— Então ainda bem que estamos no século vinte e um e não na Idade Média, não é?

Vane abanou a cabeça enquanto o pai lhes rosnava como se estivesse prestes a atacar.

Desta vez, Fang recusou-se a recuar.

— Experimenta, velho — disse ele, usando um termo que ele sabia enfurecer o pai, já que os Katagaria desprezavam a sua natureza humana. — E arranco-te a garganta, anunciando uma nova liderança para esta matilha.

Podia ver o desejo, nos olhos de Markus, de insistir na questão, mas o lobo sabia o que fazia. Num combate, Fang venceria.

O seu pai já não era o mesmo lobo que matara o próprio irmão para ser o Regis daquela matilha. Estava enfraquecido pela idade e sabia que já não lhe restavam muitos anos antes de Fang ou Vane tomarem o seu lugar.

De uma maneira ou de outra.

Fang preferia que fosse sobre o cadáver do velho. Mas havia outras opções que não se importaria de seguir.

Era mais uma razão pela qual o progenitor os odiava. Sabia que o seu auge estava terminado e que o dos filhos estava apenas a começar.

Markus semicerrrou os olhos ameaçadoramente.

— Um dia, cria, vais irritar-me e o teu irmão não estará presente para impedir que te mate. Quando esse dia chegar, é melhor que rezes por salvação.

O olhar de Fang tornou-se diabólico.

— Eu não preciso de ser salvo. Não há aqui um lobo que eu não conseguisse vencer de olhos fechados. Sabes bem disso. Eu sei-o e, o que é mais importante, *todos* eles o sabem.

Vane arqueou uma sobrancelha ao comentário, como se o desafiasse a provar aquelas palavras.

Fang dirigiu-lhe um sorriso amarelo.

— Tu não contas, irmão. Tenho-te em demasiada estima para sequer tentar.

Markus fitou-os com os lábios retorcidos num esgar repugnante.

— Vocês metem-me nojo.

Fang fungou.

— Vivo para isso... pai. — Não conseguiu resistir a usar o título que sabia que deixava o velho em ebulição. — O teu desagrado eterno conforta-me como o leite de uma mãe.

Markus voltou a assumir a forma de um lobo e partiu.

Vane virou-se para ele.

— Porque é que fazes isso?

— Faço o quê?

— Irritas toda a gente com quem falas! Só por uma vez não podias manter a boca fechada?

Fang encolheu os ombros.

— É uma habilidade.

— Bem, é uma que eu gostaria que desaprendesses.

Fang suspirou irritado, perante o tema de queixas constantes de que já estava farto há mais de trezentos anos. Ele não era o tipo de lobo que aguentasse desaforos. Antes pagava na mesma moeda, e a maior parte das vezes dava ainda mais do que recebia.

— A contracorrente é a única maneira. Para de te portar como uma velhota. — Virou costas e dirigiu-se aos limites do acampamento, onde Anya tinha escolhido uma cova com o seu parceiro Orian.

Fang tinha sempre de se refrear junto deles. Detestava o lobo que as Parcas tinham escolhido para a sua irmã. Ela merecia muito melhor do que aquele tolinho, mas, infelizmente, não estava nas suas mãos. As Parcas escolhiam-lhes os parceiros e eles podiam submeter-se ou o macho viveria toda a sua vida completamente impotente, a mulher infértil.

Para salvar a espécie, a maioria aceitava o parceiro que as Parcas lhes atribuíssem, por terrível que fosse. No caso dos seus pais, a mãe recusara-o e agora o pai fora deixado impotente e perpetuamente irritado.

Não que Fang culpasse o velho por isso. Provavelmente ele também seria insuportável se tivesse de passar séculos sem sexo. Mas isso era a única coisa em relação ao pai que ele compreendia. Em relação a tudo o resto, o lobo era para ele um mistério absoluto.

Felizmente o parceiro de Anya não se encontrava com a irmã. Anya estava deitada na relva, sob a luz que se desvanecia, os olhos quase fechados enquanto uma brisa leve lhe agitava o pelo branco e macio. Tinha a barriga muito inchada e ele podia ver as crias a moverem-se no seu interior.

Era bastante desagradável, mas ele não a insultaria, dizendo-lhe tal coisa.

— *Voltaste.*

Ele sorriu perante a voz suave na sua cabeça.

— Voltámos e... — Estendeu-lhe o saco.

Ela ergueu-se de imediato e trotou para junto dele.

— *O que é que trouxeste?* — Ela enfiou o focinho no saco, como se tentasse vê-lo com o seu faro.

Fang sentou-se e abriu o saco para ver o que Aimee lhes tinha oferecido. Mal o fez, o seu coração acelerou. Ela colocara no seu interior dois bifés, *baklava*, *beignets*, e biscoitos. Havia também um pequeno bilhete no fundo.

Ele pegou nos biscoitos e estendeu-os a Anya, enquanto lia a letra fluida de Aimee.

Agradeço-te muito pelo que fizeste e espero que a tua irmã goste da comida. Irmãos como tu deveriam sempre ser estimados. Sempre que te apetecer um bife, sabes onde estamos.

Ele não sabia porque é que um bilhete tão curto e inócuo o tinha comovido, mas tinha. Não pôde deixar de sorrir enquanto uma imagem dela deslizava pela sua mente.

Para de te portares como um louco.

Sim, havia sem dúvida algo de errado com ele. Talvez precisasse de consultar um daqueles psiquiatras para animais de estimação ou algo do género. Ou talvez pudesse pedir a Vane que lhe desse um forte pontapé nos quartos traseiros.

— *Será que me cheira a urso?*

Ele enfiou o bilhete no bolso.

— É da equipa do Santuário.

Ela abanou a cabeça e espirrou para o chão.

— *Gah! Será que o fedor podia ser pior?*

Fang tinha de discordar. Não lhe cheirava a urso, sentia apenas o cheiro de Aimee e era um perfume encantador.

— Provavelmente eles acham o mesmo sobre nós.

Anya fez uma pausa para olhar para ele.

— *Que é que disseste?*

Fang limpou a garganta, ao compreender como era estranho para ele defender uma outra espécie.

— Nada.

Ela lambeu os dedos dele, enquanto ele lhe estendia ainda mais biscoitos.

Uma sombra abateu-se sobre eles. Erguendo os olhos, viram Vane que ali se encontrava com um severo franzir de sobrolho.

— Não devia ser o companheiro dela a fazer isso por ela?

Fang encolheu os ombros.

— Ele sempre foi um idiota egoísta.

Anya deu-lhe uma forte dentada nos dedos.

— *Cuidado, irmão, estás a falar do pai das minhas crias.*

Fang troçou do tom protetor.

— Um tipo escolhido por um trio de cabras psicopatas que... *Au!*

— Ele saltou, enquanto Anya afundava os dentes na parte mais carnuda da sua mão. Praguejou ao ver o sangue que pingava da ferida que ela lhe fizera.

Ela semicerrou os olhos.

— *Mais uma vez, trata-se do meu companheiro e irás respeitá-lo.*

Vane bateu-lhe na parte de trás da cabeça.

— Rapaz, será que nunca aprendes?

Fang mordeu o lábio para se impedir de responder a ambos. Odiava o facto de o tratarem como um parente distante com problemas mentais. Como se as suas opiniões não fossem importantes. Sempre que abria a boca, um deles mandava-o calar-se.

Sinceramente, estava mais do que cansado da forma como o tratavam. Tudo o que viam nele era o músculo de que necessitavam. Uma arma carregada que podia ser usada contra os seus inimigos. Durante o resto do tempo, queriam mantê-lo numa caixa, em silêncio absoluto e sem se meter em nada.

Como quisessem.

Transformando-se num lobo, deixou-os antes que dissesse algo de que todos se arrependessem. Mas um dia...

Um dia ia fazê-los saber o quão cansado estava de ser tratado como um lobo ómega.

...

AIMEE parou junto à mesa onde tinham estado os lobos. No canto estava um par de óculos de sol abandonado. Ela dobrou-se e pegou neles, para sentir o cheiro do seu dono.

Fang.

Um ligeiro sorriso pairou-lhe nos cantos dos lábios ao recordar o aspeto dele, recostado na sua cadeira. Relaxado e mortífero.

— O que é isso?

Ela saltou quando Wren falou mesmo atrás dela. Olhando para ele por cima do ombro, ela sorriu ao jovem tigre. Elegante e esguio, tinha rastas compridas e louras com uma franja que lhe cobria os olhos, escondendo-os do mundo. Ela era uma das poucas pessoas com quem ele falava.

Ergueu os óculos de sol para que ele os visse.

— Um dos lobos deixou-os para trás.

— Queres que os coloque nos perdidos e achados?

— Não é preciso. Eu faço-o.

Ele acenou antes de avançar para servir outra mesa.

Aimee fechou os olhos e apertou com força os óculos de sol. Ao fazê-lo, viu a imagem perfeita de Fang, sob a forma de um lobo a correr pelo pântano.

Alguém espirrou.

Ela saltou, olhando à sua volta rapidamente, temendo que alguém a tivesse apanhado a usar um poder que ninguém sabia que ela tinha. Era algo que apenas os mais poderosos Aristi podiam usar e o facto de ela o possuir...

Era tanto um perigo para ela quanto um dom.

E era um poder que tinha custado a vida de dois irmãos seus. Só por essa razão, jamais poderia permitir que alguém soubesse o que ela era capaz de fazer.

Mas naquele dia, os poderes não eram assustadores. Permitir-lhe-iam encontrar Fang e devolver-lhe os óculos. Olhou para o relógio que tinha no pulso.

Dentro de trinta minutos, poderia fazer uma pausa e nessa altura encontraria o lobo...

AIMEE parou ao lado do cipreste que emergia da água e se contorcera na direção do céu. O Sol que se punha criava um efeito de leque em

redor dos troncos, lançando um brilho majestoso ao mesmo tempo que refletia o cipreste nas águas ondulantes e negras. Era fantasmagórico e belo. Assombroso.

Embora já vivesse em Nova Orleães há mais de um século, nunca tinha passado muito tempo no pântano ou no *bayou*. Já se tinha esquecido de como podiam ser belos.

Sorrindo à imagem, utilizou os seus poderes para fazer aparecer uma máquina fotográfica e começou a tirar fotografias. Não havia nada que mais lhe agradasse do que captar a natureza na sua forma mais pura.

Absolutamente cativada pela complexidade da luz que brincava contra a árvore, deixou de prestar atenção ao que a rodeava. O mundo desvaneceu-se enquanto ela avançava num círculo largo, inclinando a câmara em busca dos melhores ângulos.

As águas pantanosas ondulavam-lhe contra os pés enquanto se movia. Pelo canto do olho, viu um pássaro a levantar voo. Virou-se para o fotografar também, mas, ao mover-se, ouviu qualquer coisa...

Um rosnido baixo e feroz.

Antes de ser capaz de reagir, um lobo atacou-a.